

COLEÇÃO

PORTUGUÊS NA PRÁTICA

Claudio Cezar Henriques

Léxico e Semântica

*Estudos produtivos
sobre palavra e significação*



ALTA BOOKS
EDITORA
Rio de Janeiro, 2018

Sumário



Apresentação	ix
Prefácio	xiii

PARTE I

A Ciência das Significações

1	Língua, Lógica e Linguagem	5
2	Signo Linguístico	9
	2.1. Lexicologia, Fraseologia e Lexicografia	12
	2.2. Metalexicografia: um percurso.....	16
	2.3. Metalexicografia: casos selecionados	22
3	Traçados sobre a Significação	31
	3.1. Painel (I)	35
	3.2. Painel (II)	40
4	Significação em Foco	43
	4.1. Referenciação e Conectividade	45
	4.2. Predicação e Verificação	55
	4.3. Inferência e Pressuposição	57
	4.4. Metaforismo e Metonimismo	64
5	Léxico em Foco	73
	5.1. Campos Associativos, Conceituais e Semânticos	76
	5.2. Sinonímia e Antonímia	80

5.3. Homonímia e Paronímia.....	83
5.4. Tautologia, Ambiguidade e Polissemia	86
5.5. Paráfrase e Perífrase	97
5.6. Antonomásia e Eponímia.....	106
5.7. Hiponímia e Hiperonímia.....	113
5.8. Meronímia e Holonímia	116
6 Semântica do Texto e do Contexto.....	121

PARTE II Exercícios

1 Modelo Discursivo	129
2 Modelo Objetivo	153

PARTE III Aplicações Léxico-Semânticas

1 Aspectos Semânticos na Linguagem Midiática (André Valente)	165
2 Um Estudo sobre a Palavra “Cachaça” (Flávio Aguiar Barbosa).....	171
3 A Semântica Lexical e o Discurso Poético (José Carlos de Azeredo)	183
4 Falácias em Publicidade de Medicamentos (Nelly Carvalho).....	187
5 Seleção Lexical pelo Viés de Metáforas no Discurso Publicitário (Rosane S. Mauro Monnerat)	193
APÊNDICE: Exame Nacional de Cursos – Letras	201
Índice Onomástico	223
Referências Bibliográficas.....	225



Prefácio

Não me parece fora de propósito começar este Prefácio dizendo que vivemos numa nação de lexicófilos (amantes das palavras). Além das manchetes da imprensa, chamadas publicitárias, piadas, às vezes até certos trabalhos acadêmicos costumam apresentar interessantes jogos de palavras, desafiando-nos a reconhecer verdadeiros quebra-cabeças.

Dois dos mais conhecidos passatempos de nossa sociedade são os jogos de palavras cruzadas e de força, que incluem como sabemos uma série de variantes, em muitas ocasiões levados para as salas de aula como um produtivo trabalho didático e pedagógico. Lembro-me de muitas aulas que ministrei nas quais propunha aos alunos o “jogo do dicionário”. Organizava a turma em grupos e lhes dava como tarefa escolher uma palavra qualquer no dicionário e apresentá-la para os adversários vinculada a quatro significados para que eles descobrissem qual era o verdadeiro. A “brincadeira”, além de estimular a expressão oral e a competição saudável entre os “jogadores”, contribuía para que eles aprendessem a manusear o dicionário, enriquecessem seu vocabulário e praticassem um tipo especial de produção de texto, a redação de verbetes.

Essa característica de nossa gente talvez explique a profusão de obras lexicográficas e lexicológicas que têm sido colocadas à disposição do público em geral e que tratam de modo mais específico do vocabulário de algum campo de conhecimento, como as gírias, os regionalismos, a linguagem da publicidade, a língua dos marginais, os palavrões, os termos médicos ou jurídicos... e tantos outros dicionários e glossários que podemos facilmente ver quando percorremos as estantes de uma livraria, seja real, seja virtual.

A SEMÂNTICA LEXICAL não fica, porém, restrita apenas aos itens léxicos. Nenhum assunto é uma ilha. As conexões dependem de nosso conhecimento de mundo e de nossos estudos da linguagem humana. A significação está na gramática e na vida. Está na gramática da vida (se me permitem experimentar e propor outras conexões).

“Então, este é um livro de SEMÂNTICA LEXICAL?” Assim poderia prosseguir este Prefácio, mas prefiro usar uma adjetivação diferente e dizer que este é um livro de SEMÂNTICA LINGUÍSTICA e que não é um livro de semântica filosófica ou de semântica psicológica, a não ser muito tangencialmente. Mas é também um livro de SEMÂNTICA FORMAL e de SEMÂNTICA GRAMATICAL. Ao falar em tantas semânticas, parece que estamos pisando na grama ou que o assunto é minado? Nada disso: a semântica é essencialmente duas coisas: metalinguística e interdisciplinar, o que remete aos “limites movediços da semântica” de que falam Ilari e Geraldini (1995, p. 5). O que está nas páginas adiante é uma abordagem pessoal da semântica e, por causa disso, é um ato de escolha. Para dar conta desta tarefa, reuni e renovei ou busquei leituras de obras antigas e recentes, sem me preocupar com as possíveis diferenças entre várias correntes dos estudos semânticos, muitas delas mais aparentes do que concretas. Apropriando-me delas ou reinterpretando-as a meu modo, fica desde já a advertência de que este livro é resultado de uma prática docente em turmas de ensino fundamental, médio e superior, que começaram nos idos de 1972.

O professor de Língua Portuguesa é um provocador nas salas de aula. Ele descreve a língua, explica usos e desvios, orienta, desorganiza e reorganiza a norma, traz a vida real para dentro da sala de aula, mostra a serventia da gramática para o aluno. A análise etimológica é semântica. A análise sintática é semântica. A análise morfológica é semântica. A análise fonológica é semântica. A análise do discurso é semântica. Até a lição ortográfica é semântica. Placas, avisos, letras de música, o carro do pão (ou da pamonha), a prescrição médica ou o triste formulário do Imposto de Renda... Tudo depende de um “estalo”, uma chave. Ela está nas entrelinhas de conhecido poema de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), “Procura da Poesia” (2002, p. 117-8). O poeta nos convida a penetrar surdamente no reino das palavras, pois é lá que estão os poemas que esperam ser escritos (e aqui podemos expandir “poemas” para “textos que esperam ser escritos”). “Estão paralisados, mas não há desespero, há calma e frescura na superfície intata. Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.” Drummond nos aconselha a conviver com os poemas (aqui, conviver com os textos), antes de escrevê-los: “Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consume com seu poder de palavra e seu poder de silêncio.”

Quase ao final do poema, lemos:

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Está na gramática de Evanildo Bechara (2009, p. 29): “na linguagem tudo significa, tudo é semântico”. E está no livro *Introdução à Semântica*, de Rodolfo Ilari (2001, p. 11): nós “realizamos operações semânticas o tempo todo, sem nos preocuparmos em teorizar, quando usamos a língua no dia a dia”. É verdade. E já que a linguagem tem

horário integral em nosso cotidiano, pergunto: por que não pensar mais nesse assunto, a significação?

Por esse motivo eis aqui um livro inevitavelmente voltado para o uso em sala de aula (mas não só). Daí a pretensão de escrever seu texto de maneira leve, acrescentando notas e indicações de leitura que poderão proporcionar ao leitor outros caminhos de estudo e de aprofundamento. Mesmo na primeira parte, que é sobretudo teórica e a que chamei “A Ciência das Significações”, fui em busca sempre que possível de ilustrações e exemplificações mais dinâmicas. Segue-se a parte do livro que propõe uma série de exercícios, muitos dos quais caracterizados por atividades lúdicas apropriadas para leitores lexicófilos, bom número delas apoiado nos inspiradores subtítulos de dois livros de Rodolfo Ilari (*brincando com a gramática & brincando com as palavras*). Na terceira parte, as “Aplicações Léxico-Semânticas” devem servir para mostrar relações expressivas entre os dois temas em variados *corpora*, tendo como resultado a elaboração de comentários e interpretações do léxico à luz dos estudos semânticos. Por fim, no Apêndice, reproduzimos as questões do ENADE que tratam dos assuntos pertinentes à semântica e ao léxico.

Quero agradecer a meus alunos da disciplina *Léxico e Semântica* da UERJ que me deram a oportunidade de “experimentar” atividades, leituras e tarefas em torno do assunto que aqui aparece mais ordenado e referenciado (pelo menos foi essa a intenção). E, muito especial e afetuosamente, aos colegas André Valente, Flávio Barbosa, José Carlos Azeredo, Nelly Carvalho e Rosane Monnerat, pelos artigos que me encaminharam para inclusão na terceira parte do livro. Seus textos com aplicações léxico-semânticas certamente oferecerão aos leitores deste livro a melhor parte do trabalho.

Rio de Janeiro, janeiro de 2011.

O Autor

Endereço para correspondência:
Rua São Francisco Xavier, 524 / 11º andar / sala 11.139 / Bloco F
Maracanã – Rio de Janeiro – RJ – CEP: 20550-900
E-mail: claudioch@uol.com.br

Parte I

A Ciência das Significações

A palavra SEMÂNTICA tem uso na língua portuguesa desde 1899 e é procedente do francês SÉMANTIQUE, que o tomou do grego “semantiké”, feminino substantivado de “semantikós”: *que indica, que significa*.

A SEMÂNTICA se preocupa com “mecanismos e operações relativos ao sentido, através do funcionamento das línguas naturais [...]”, tentando “explicitar os elos que existem entre os comportamentos discursivos num dado envolvimento, constantemente renovado, e as representações mentais que parecem ser partilhadas pelos usuários das línguas naturais”. Essa reflexão traça um “percurso entre o individual e o universal, através do cultural” e procura conciliar “a extensão e a variedade das manifestações linguísticas e a necessidade de uma apresentação relativamente simples dos funcionamentos profundos da língua”. Eis, em síntese, o que explica Bernard Pottier (1992, p. 11).

No livro *The Grammar of Meaning* (1997, p. 302), Mark Lance e John O’Leary-Hawthorne expõem um argumento curioso a respeito do “trio *individual-universal-cultural*”. Dizem eles que “algumas pessoas são mais observadoras, argutas ou coerentes do que outras” ou têm mais habilidade num domínio do que outras. Há pessoas que “participam do jogo da linguagem ou de uma parte dele com mais qualidade do que outras”. Os autores dizem que, em alguns desses casos, podemos achar “que uma pessoa mais bem preparada é capaz de entender certos itens lexicais que muitos membros de sua comunidade não seriam capazes de entender”, embora nem sempre possamos caracterizar objetivamente o que as distingue. Os exemplos dados por eles falam de pessoas que “organizam melhor seu vocabulário” e por isso podem ser “mais eficientes do que outras na construção de teorias ou na descrição do que viram ou em persuadir

seus interlocutores a fazer isto ou aquilo, ou em fazer perguntas pertinentes”. E concluem que, geralmente, essa é uma maneira prática quando se quer “distinguir os bons jogadores dos maus jogadores ou dos não jogadores do jogo da linguagem, como um todo ou em um de seus segmentos”.

O bom jogador Gilberto Gil, na canção “Refazenda”, gravada em 1975 no disco homônimo, escolheu aleatoriamente palavras que rimassem e obteve um resultado expressivo. A letra da canção começa com os seguintes versos:

Abacateiro, acataremos teu ato
Nós também somos do mato, como o pato e o leão
Aguardaremos, brincaremos no regato
Até que nos tragam frutos, teu amor, teu coração
Abacateiro, teu recolhimento
É justamente o significado da palavra temporão
Enquanto o tempo não trazer teu abacate
Amanhecerá tomate, e anoitecerá mamão

Sobre o que ele pretendeu com o primeiro verso, é interessante conhecer o seu depoimento a Carlos Rennó (2003, p. 196):

Abacateiro, acataremos o teu ato – Na época pensaram que eu me referia à ditadura militar (o verde da farda) e ao ato institucional, o que nem me passou pela cabeça. O que me veio mesmo foi a natureza em seu contexto doméstico, amansada, a serviço da fruição – daí a ideia de pomar e das estações. “Refazenda” é lembrança do interior, do convívio com a natureza; reiteração do diálogo com ela e do aprendizado do seu ritmo.

Para entendermos o significado do primeiro verso, temos a explicação do próprio autor. Se não a tivéssemos, certamente alguém poderia encontrar muitos motivos para justificar uma interpretação que explicitasse os possíveis elos entre o abacate e o verde oliva das fardas militares ou entre o ato (do amadurecimento?) do abacate e o ato institucional: metáforas e metonímias a serviço da significação.

Mas a letra também fala que “o recolhimento (do abacateiro) é justamente o significado da palavra temporão”. Observe-se que os itens lexicais estão combinados para nos propor um entendimento: mais explícito, menos explícito, nem tão explícito assim...

Pergunta-se:

- (1) O recolhimento é “o ato praticado por alguém de recolher o abacate” ou “o comedimento ou recato semimetafórico do abacate”?
- (2) O trecho usa o possessivo “teu” em “teu recolhimento” para indicar “agente” ou para indicar “paciente” da ação de recolher?
- (3) Ao equiparar o “recolhimento do abacateiro” ao “significado da palavra temporão”, confirma-se a ideia do “ato de recolher-se do abacateiro” ou do “ato de alguém recolher o abacate”? Ou nenhum dos dois?

Gil diz que o período em que compôs a canção era permeado pelo *nonsense* ou por aquilo que o tangenciava, uma fase ligada à multiplicidade de sentidos e de não sentidos. Diante dessas palavras, fica a conclusão de que a interpretação semântica que se possa dar à letra de “Refazenda” só precisa ser coerente e mostrar os vínculos lexicais que a justifiquem, seja pelo viés mais contemplativo da natureza, seja pelo viés mais engajado, seja por um outro viés, o do próprio *nonsense* de que o compositor fala.

Essa rápida aplicação nos traz de volta a uma reflexão teórica sobre a semântica. Herculano de Carvalho (1974, v. II, p. 499) a define como uma “disciplina que se aplica ao estudo da significação objetiva”. Diz que, através da semântica, procura-se “determinar o modo pelo qual a realidade extralinguística se encontra analisada e conformada em sistemas de significantes-significados (signos)” a fim de que se possam estabelecer “as relações que aí existem entre os significantes e os respectivos significados objetivos, e entre estes e a realidade mesma”. Carvalho resume que a finalidade da semântica deve ser “o estudo da estruturação interna do sistema de significações objetivas e da relação deste com o mundo real que aí está representado”.

Todos os dias, nas situações mais comuns de nossas vidas, “praticamos” a semântica, pois sempre estamos buscando entender o significado de palavras e de frases: a manchete de um jornal, a fala de um personagem na novela, o trecho de uma música, a gíria ou o xingamento que alguém disse perto de nós... Definições para a palavra SEMÂNTICA não faltam na literatura linguística.

Para ficarmos com uma explicação bem objetiva, escrita por Gennaro Chierchia (2003, p. vii), vamos entender a SEMÂNTICA como o estudo do significado das expressões das línguas naturais.

SEMÂNTICA: estudo do significado das expressões das línguas naturais.

Língua, Lógica e Linguagem

O estudo científico da linguagem humana é tarefa de uma disciplina chamada LINGUÍSTICA. Se considerarmos que um estudo só é científico quando toma por base a observação dos fatos e quando se recusa a fazer qualquer tipo de julgamento ou prescrição a respeito deles, será importante enfatizar que a linguística se constrói a partir de uma observação que se pretende imparcial diante do seu objeto de estudo – em última análise, uma atividade humana.

O ramo de estudos que se dedica à mesma observação feita pela linguística, mas que diferentemente desta tem o intuito específico de reconhecer (e recomendar) modelos de usos é a GRAMÁTICA NORMATIVA. Nesse tipo de tarefa, fazem-se prescrições, escolhem-se determinadas formas em detrimento de outras, censura-se (ou atenua-se) alguma escolha ou prática que se detecta na comunidade idiomática analisada.

Ambas as disciplinas, por um bom período da história recente, travaram uma queda de braço acadêmica, cujos malefícios são sobejamente conhecidos. Ainda se veem resquícios do contraproducente embate entre liberais e conservadores em questões de língua: defensores do vale-tudo contra os guardiães do purismo... Nessa contenda, todos perdem.

Habituo-nos a dizer que a linguagem é uma das instituições humanas pois resulta da vida em sociedade. O lembrete é para reforçar que, assim como as instituições humanas são passíveis de mudanças, também a linguagem – inegavelmente seu instrumento de comunicação – varia conforme os hábitos, as tendências, as pressões e os momentos em que se insere.

Costumo afirmar para aqueles que buscam a todo custo uma lógica simbólica para a língua ou para a linguagem que seria realmente extraordinário imaginar o ser humano,

com todas as suas inseguranças, fragilidades, humores e temperamentos, construindo uma comunicação (por meio da linguagem) sempre linear, coerente, regular e fixa.

Tomemos um simples exemplo a partir da pronúncia prestigiada brasileira de palavras terminadas em R precedido de vogal tônica. Verifica-se o apagamento desse R, por exemplo, em todas as formas verbais (estiver > estivê; fazer > fazê; construir > construí) e em muitos nomes (pomar > pomá; colher > colhé; senhor > senhô). No entanto, contrariando a lógica, não é prestigiado dizer “pá” em vez de “par”, “lá” em vez de “lar”. O motivo da restrição seria o fator paronímico (pá = ferramenta; lá = advérbio) ou o fator fonológico (os exemplos são de monossílabos tônicos)? Não parece que seja, pois paronímia também existe em “pô” (verbo “por” ou interjeição?) ou em “té” (verbo “ter” ou substantivo?). E o fator fonológico também não é procedente: ele “qué” (por “quer”) ou se eu “fô” (por “for”) o inviabilizam. O exemplo é elementar, mas demonstra que, se o falante do português brasileiro seguisse uma lógica rigorosa, faria com todas as palavras terminadas em R a mesma mudança.

Esses exemplos, transpostos para a modalidade lusitana, mostrariam que a “lógica” europeia, em vez de suprimir o R, prefere abrir nova sílaba, com o R em posição pré-vocálica – tanto nos verbos como nos nomes: *estivere, *fazere, *construíre, *pomare, *colhere, *senhore, *pare, *lare, *pore, *tere, *quere e *fore (repito os exemplos do parágrafo anterior, na ordem). Isso significa que, normalmente, onde os portugueses fazem uma paragoge (acréscimo de fonema no final do vocábulo), nós fazemos uma apócope (supressão de fonema no final do vocábulo). Caberia perguntar se, nos hábitos prestigiados lusitanos, é possível encontrar algum caso em que a regra da paragoge falha. De todo modo, conclui-se que a lógica não é da língua, nem é do falante. Não há lógica simbólica; há mudança linguística, há tendências de uso – termos que não podem ser confundidos com princípios filosóficos lógicos.

Essa afirmação não deve ser entendida como uma restrição ao que alguns chamam de tradição lógica do estudo da significação. Trata-se, nesse caso, de uma outra aceção dada à palavra “lógica”. É claro que nos interessa examinar os elos entre a linguagem e o mundo, algo que se estabelece a partir do sentido dos enunciados e dos conceitos de confiança ou de desconfiança, por exemplo. Mas o erro logicista fundamental, como explica Coseriu (1987, p. 176), é considerar a linguagem como um objeto de natureza lógica, ou melhor, como produto do pensamento lógico. Podemos lembrar a advertência de Émile Benveniste (1991, v. I, p. 14-5) quanto a essas relações entre a linguística e a lógica simbólica:

O lógico perscruta as condições de verdade às quais devem satisfazer os enunciados nos quais a ciência se fundamenta. Recusa a linguagem “ordinária” como equívoca, incerta, flutuante, e quer forjar para si uma língua inteiramente simbólica. Mas o objeto do linguista é precisamente esta “linguagem ordinária” que ele toma como dado e cuja estrutura inteira explora. Ele teria interesse em utilizar experimentalmente, na análise das classes linguísticas de todas as ordens que ele determina, os instrumentos elaborados pela lógica dos conjuntos, para ver se entre essas classes se podem estabelecer

relações tais que respondam perante a simbolização lógica. Ter-se-ia, então, ao menos, alguma ideia do tipo de lógica que subentende a organização de uma língua (...)

Dizia Mário Barreto (1980, p. 317) que, quando se estuda a semântica segundo um bom método, nós nos purgamos “de preconceitos e vãos critérios”, descobrindo “não ser a lógica geral outra coisa senão uma espécie de geometria que de mais não serve que de falsear o espírito”.

Refinando mais um pouco esse raciocínio, teremos de concordar que a “lógica natural” que levamos em conta nas descrições linguísticas não é necessariamente igual à lógica formal que se desenvolve na filosofia. Cabe frisar que o fenômeno linguístico não tem sua natureza devidamente apresentada se o considerarmos como uma instituição. As línguas acumulam dois modos de expressão relacional: um recorre a indicadores com conteúdo semântico constante e explícito; o outro explora as relações semânticas dos termos postos em contato num enunciado (cf. Tamba-Mecz, 1998, p. 60). Sabemos que a língua é uma ferramenta que se distingue por sua função essencial, a comunicação entre os falantes de um grupo. No entanto, além de desempenhar esse papel, que permite a compreensão mútua entre as pessoas, ela serve de suporte ao pensamento (apesar dos riscos de se usar essa palavra fora do campo da psicologia) e permite que o homem se exprima – supondo-se então toda a dimensão que se possa dar à ideia do que significa “expressão humana” por meio de palavras.

Se acrescentarmos a isso o papel estético que se pode atribuir à linguagem, completaremos o tripé que nos interessa discutir aqui: a FUNÇÃO COMUNICATIVA, a FUNÇÃO EXPRESSIVA e a FUNÇÃO ESTÉTICA, algo que está representado na imagem usada por Geoffrey Leech quando criticava a busca de uma explicação dos fenômenos linguísticos apoiando-se no que não é linguagem. “É algo tão inútil quanto a tentativa de sair de uma casa que não tenha portas ou janelas” (1985, p. 21). Para examinar um pouco mais essas relações, tomemos o seguinte cruzamento: de um lado, o que se produz histórica e socialmente com os sistemas de referência a fim de que os recursos expressivos se tornem significativos; de outro, o que se opera discursivamente e remete aos sistemas de referência, a fim de proporcionar o que podemos chamar de “intercompreensão interlocutiva”. As ações que se praticam, tanto no tripé mencionado anteriormente como no cruzamento citado neste parágrafo, envolvem de um modo geral as possibilidades, separadas ou combinadas, de que o emissor de uma mensagem se vale, **com** e **sobre** a linguagem.

AÇÕES COM A LINGUAGEM / AÇÕES **SOBRE** A LINGUAGEM

Signo Linguístico

Na construção da linguagem, falamos de ações que se tornam concretas e que se relacionam. O resultado dessas ações é o DISCURSO, entendido como “qualquer fragmento conexo de escrita ou fala” (Trask: 2004, p. 84). O discurso se constrói a partir da combinação e da organização dos SIGNOS LINGUÍSTICOS, responsáveis pela produção de frases, períodos e textos.

A expressão “signo linguístico” poderia ser apresentada por meio de um substantivo muito comum na língua: PALAVRA. Ocorre que, do ponto de vista técnico, esse termo poderia nos levar a algumas discussões pouco proveitosas para nossos objetivos. No livro *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*, trato desse e de outros temas correlatos no capítulo intitulado “Sintagma, Palavra, Morfema”. Vou insistir na expressão “signo linguístico” para destacar a conhecida dicotomia saussuriana entre SIGNIFICANTE e SIGNIFICADO.

O significante é o dado concreto do signo, a sua realidade material, tanto do ponto de vista sonoro quanto gráfico. Já o significado é o dado imaterial, conceitual do signo, algo que remete a uma representação mental provocada pelo signo.

Vejamos na manchete reproduzida ao lado o que ocorre com o significante “rabos de cavalos”.

Nem mesmo lendo o texto da notícia conseguimos ter certeza de qual o significado desse significante. Afinal, os “roubos bizarros” a que se refere o jornal tanto podem ser os roubos da “cauda dos equinos” como os roubos dos “cabelos atados que se deixam pender à semelhança do rabo de um equino”. Esse significante tem ainda um terceiro significado, menos corriqueiro: “espécie de planta da família das equisetáceas, nativa da

Rabos de cavalos são roubados

Uma onda de roubos bizarros tomou conta da cidade de Montana, nos Estados Unidos. Curiosamente, ladrões estão cortando e roubando rabos de cavalos.

Europa, de folhas verticiladas rudimentares, cujos brotos eram comidos como aspargos pelos romanos”. A notícia também poderia estar falando do roubo de plantas...

É certo que o significante “rabos de cavalo”, conforme a convenção ortográfica em vigor, pode ser escrito com hífen. Dos três significados que mencionamos, apenas o terceiro (planta) determina que o significante seja grafado com hifens; o segundo (pen-teado) levava à grafia com esse sinal gráfico, modificada na reforma de 2008; o primeiro (cauda) continua representado por significante escrito sem hifens.

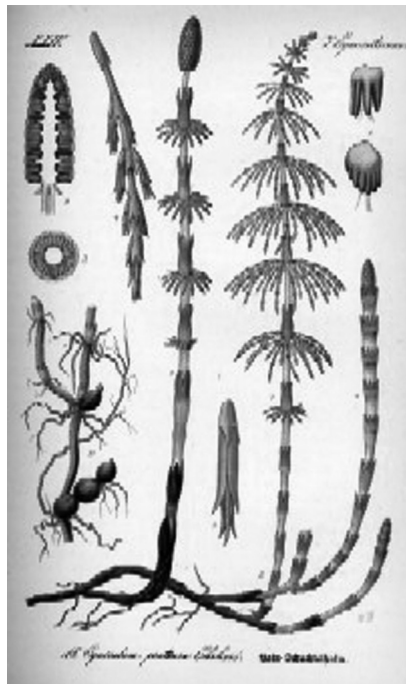
O significante tem uma face acústica (para nosso exemplo, é sempre a mesma) e tem uma face gráfica (variável conforme a convenção). O significado não tem face nem acústica nem gráfica. Como dissemos, ele é imaterial, ou seja, precisa ser explicado. Sem o significado, o significante parece uma palavra fantasma, vazia, perdida. Sem o significante, o significado parece uma sombra em busca de um corpo.

Ferdinand de Saussure fala que o signo é sempre arbitrário. Os significantes “rabo” e “cavalo” não têm nenhuma relação direta com os significados “cauda” e “equino”. O que produz essa relação é um conhecimento de mundo compartilhado pelos usuários da língua. Reparemos que a combinação dos dois significantes (dois substantivos: rabo + cavalo) cria um significante maior (o sintagma ou locução “rabo de cavalo”). Continua não havendo a relação direta, pois esse significante locucional tanto pode remeter para a “cauda do equino” como para os “cabelos pendurados”. E é por ter o signo linguístico a ARBITRARIEDADE de que fala Saussure que o terceiro significado (planta), provavelmente o menos compartilhado pelos usuários da língua, só se torna possível quando se recebe a informação botânica.

As ideias sobre o signo linguístico nos levam também a concluir que, apesar da arbitrariedade, são fatores não arbitrários que permitem reconhecer o significante “rabo de cavalo” (cauda de equino) como primário em relação ao significante “rabo de cavalo” (cabelos atados), pois a explicação do segundo significado se refere à explicação do primeiro, que é a motivadora da extensão de sentido, a que chamamos de metafórica.

Em relação ao significante “rabo-de-cavalo” (substantivo composto) que significa um tipo de planta (por isso com hífen), saber apenas isso é pouco para confirmar que também existe a extensão metafórica. Por representar um conhecimento de mundo menos difundido, será preciso investigar a origem da expressão para confirmar a suspeita.

Feita a busca mais específica a respeito do significado, veremos que os significantes “rabo-de-cavalo” (nome da planta) e “equissetáceas” (nome



da família da planta) remetem ao mesmo significado, pois o termo científico é composto de “equi” (cavalo) e “setum” (cauda), ou seja, rabo de cavalo.

A foto da página ao lado mostra algumas espécies dessa planta, que também é conhecida como “cavalinha”, e nos faz concluir que o significante a ela atribuído também explora a extensão metafórica. Embora se possa estranhar que exista um vegetal (que cresce para cima) com o nome “rabo-de-cavalo”, os desenhos permitem compreender a associação entre as duas ideias.

Falamos pois de arbitrariedade, mas a relativizamos já que significados podem gerar novos significados ou novos significantes. É o que Benveniste chama de relações de NECESSIDADE. Portanto, além de surgirem fortuitamente, os signos linguísticos também surgem pela necessidade que existe de se designar alguma coisa.

Caso inventássemos agora um aparelho capaz de transformar gelo em chocolate, certamente o batizaríamos. O significado seria exatamente o que está na frase anterior (aparelho que transforma gelo em chocolate). Arbitrariamente, escolheríamos um significante para representá-lo, mas só o faríamos porque existe a real necessidade de se designar seu significante. Por enquanto, no campo da imaginação do invento, temos só o significado... Alguém precisa se habilitar a criar o significante – e aí teremos o que se chama de NEOLOGISMO¹.

Essa dicotomia entre SIGNIFICANTE e SIGNIFICADO está ilustrada nas quatro tabelas seguintes². Veremos que a tarefa de completar as tabelas depende da construção dos elos significativos entre as duas colunas.

Grupo I: ➡ ◀

SIGNIFICANTE	é um...	SIGNIFICADO
(1) Alexandre Pato		(2) cantor de MPB
(2) Caetano Veloso		(4) filólogo brasileiro
(3) Dalton Trevisan		(1) jogador de futebol
(4) Evanildo Bechara		(3) romancista brasileiro

Grupo II: ➡??◀

SIGNIFICANTE	é um...	SIGNIFICADO
(1) Estela Gerrard		(?) aluna da turma 301
(2) Jupira Mocotó		(?) candidata ao emprego
(3) Mikaela Lampard		(?) filha da professora
(4) Tainá Cristian		(?) moradora da cobertura

¹ No livro *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica* faço minuciosa análise e interpretação do fenômeno da neologização pela eponímia no português (2011, p. 138-54).

² Três dessas tabelas e mais algumas passagens deste capítulo são adaptações e acréscimos do que tratei no livro *Semântica e Estilística* (2009, p. 137-47).

Grupo III: ➡ ??

SIGNIFICANTE	é um...	SIGNIFICADO
(1) Antenor Gomes Sá		(?) ??????????
(2) Jordânio Limeira		(?) ??????????
(3) Rosecler de Resedá		(?) ??????????
(4) Temístocles Leme		(?) ??????????

Grupo IV: ?? ◀

SIGNIFICANTE	é um...	SIGNIFICADO
(?) ??????????		(1) jóquei premiado
(?) ??????????		(2) político angolano
(?) ??????????		(3) dono do jornal da cidade
(?) ??????????		(4) atual secretário da ABL

Se não soubermos qual o SIGNIFICADO ou se não reconhecermos qual o SIGNIFICANTE, não poderemos compreender o SIGNO LINGUÍSTICO. Quando isso acontece (Grupos III e IV), não temos os instrumentos para participar do processo de comunicação, pois não sabemos de que ou de quem se está falando. Mas, se as informações sobre o significante e o significado foram extremamente superficiais (Grupo II), participaremos muito precariamente do processo de comunicação. Afinal, que mais poderemos dizer sobre Jupira Mocotó além de apontá-la como moradora da cobertura?

Observa-se então que a relação entre significante e significado pode caminhar da esquerda para a direita (Grupos I, II e III), como na maioria das vezes pensamos: os dicionários que se organizam dessa maneira apresentam os itens lexicais (os significantes) geralmente em ordem alfabética e nos informam seus significados. No entanto, também se pode fazer o caminho invertido (Grupo IV). Assim como no caso da incrível máquina que transforma gelo em chocolate, também podemos ter a necessidade de encontrar o significante desconhecido ou esquecido para um conceito do qual somos possuidores. Para esse tipo de busca, de nada adianta consultar um dicionário organizado da esquerda para a direita (do significante para o significado), pois somente uma obra que se organize da direita para a esquerda (do significado para o significante) poderá oferecer a solução.

Essas explicações nos levam então a falar de modo mais específico a respeito dos estudos do léxico.

2.1. LEXICOLOGIA, FRASEOLOGIA E LEXICOGRAFIA

Os dicionários nos fornecem uma imagem do léxico. Numa explicação bem simples, podemos dizer que há dois tipos de léxico: um deles se refere a um determinado estado

de língua, composto pelas palavras que são compartilhadas por todos os usuários, parecendo uma espécie de interseção dos usos individuais cotidianos (é o LÉXICO COMUM); o outro comporta todas as palavras empregadas pelos usuários de determinada língua, independentemente de serem compartilhadas entre eles (é o LÉXICO TOTAL).

Dentre as ciências que lidam com o léxico de modo sistemático e científico, três nos importam neste ponto, a LEXICOLOGIA, a FRASEOLOGIA e a LEXICOGRAFIA³. Vamos examiná-las a partir de perguntas e respostas disponíveis na página do GTLex⁴ (Grupo de Trabalho de Lexicografia, Lexicologia e Terminologia da ANPOLL, Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística).

Selecionamos alguns trechos, adaptados segundo nossos objetivos neste capítulo.

O que é LÉXICO?

LÉXICO é o conjunto das palavras de uma língua, também chamadas de LEXIAS. As LEXIAS são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações. Embora possa parecer um conjunto finito, o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos lexicólogos não seria capaz de enumerá-lo. Isto ocorre porque dele faz parte a totalidade das palavras, desde as preposições, conjunções ou interjeições, até os neologismos, regionalismos, passando pelas terminologias, pelas gírias, expressões idiomáticas e palavrões.

O que é LEXICOLOGIA?

LEXICOLOGIA é uma disciplina que estuda o LÉXICO e a sua organização a partir de pontos de vista diversos. Cada palavra remete a particularidades diversas relacionadas ao período histórico ou à região geográfica em que ocorre, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional. Desse modo, cabe à LEXICOLOGIA dizer cientificamente em seus variados níveis o que diz o LÉXICO, ou seja, a sua significação. Ao lexicólogo, especialista da área, incumbe levar a termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas.

O que é FRASEOLOGIA?

FRASEOLOGIA é a parte da LEXICOLOGIA que se ocupa das combinações estáveis de unidades léxicas constituídas, no mínimo, por duas palavras gráficas e, no máximo, por uma frase completa. Por um ponto de vista mais amplo, compõem o sistema fraseológico as locuções (exs.: *de dar pena / à medida que*), as colocações (exs.: *branca nuvem / abrir um inquérito / redondamente enganado*) e os enunciados fraseológicos, que se subdividem em provérbios (exs.: *Devagar se vai ao longe / Casa de ferreiro, espeto de pau*), alegorias (exs.: *Tudo vale a pena quando a alma não é pequena / Transporta um punhado de terra todos os dias e farás uma montanha*) e fórmulas de rotina (exs.: *Desculpe a demora / Durma bem / No momento não podemos atendê-lo*).

³ A TERMINOLOGIA e a TERMINOGRAFIA são as outras duas ciências que se dedicam ao estudo do léxico.

⁴ As respostas, exceto a que se refere à FRASEOLOGIA, são dos colegas de GT Adriana Zavaglia, Herbert Welker, Magali Duran e Patrícia Chittoni Reuillard, O acesso ao GTLex está em: <http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/> (para os links de lexicografia e lexicologia).